

Atenágoras de Atenas: O homem é corpo e alma

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

De Atenágoras, sabemos que era filósofo e nascido em Atenas. Sua obra, *Petição em Favor dos Cristãos*, foi dirigida ao imperador estóico Marco Aurélio. Outra obra de sua lavra é o tratado *Sobre a Ressurreição dos Mortos*. Tratado particularmente significativo para a história das relações entre fé e razão. Nele, o nosso filósofo distingue o possível do necessário. Desta feita, primeiramente põe-se a provar que a ressurreição da carne não é impossível; depois, propõe-se demonstrar que ela é necessária. Sabe distinguir igualmente o argumento racional do apelo à fé. Prova disso é que, em nenhum momento da obra reservada à razão, vemo-lo apelar à ressurreição de Cristo. Sabe distinguir, ademais, um discurso que visa a defender a verdade daquele que visa apenas a expô-la. Foi Atenágoras, além disso, quem primeiro soube perceber, na doutrina platônica, para a qual o *homem é a sua alma*, as dificuldades que esta levantava para o dogma da ressurreição da carne. Desta sorte, tais dificuldades fizeram-no aderir à concepção aristotélica do homem: *o homem é naturalmente um ser constituído de alma e corpo*.

Neste artigo, contemplaremos a sua prova da unicidade do Deus cristão. Deter-nos-emos, ademais, nos argumentos que arrola para defender a possibilidade da ressurreição e nos que colige para defender a necessidade da mesma. Tentaremos tornar patente durante a nossa abordagem, como Atenágoras distingue dois momentos na apologia: o da defesa da verdade e o que simplesmente a expõe. Também esmeraremos por evidenciar como ele distingue o argumento racional do argumento de autoridade, que apela à fé. Por fim, teceremos os comentários finais.

Passemos à consideração da sua prova da unicidade de Deus.

1. A primeira prova da unicidade do Deus cristão

Ora bem, depois de aduzir argumentos de autoridade, Atenágoras tenta demonstrar racionalmente a existência de um só Deus. A argumentação é ingênua, mas merece destaque por ser a primeira tentativa de se demonstrar a unicidade do Deus cristão.¹ Se no princípio existissem dois ou vários deuses, eles teriam que ocupar: ou o mesmo lugar ou lugares diferentes.² Sem embargo, não poderiam ocupar o mesmo lugar, já que só o que é semelhante pode ocupar o mesmo lugar. Ora, se houvesse dois deuses, eles não seriam semelhantes, uma vez que só o que é criado é semelhante e os deuses são incriados.³ Além disso, também não pode cada um deles estar em um lugar diverso do outro. Suponhamos que um deles fosse o criador e exercesse a sua providência sobre todo o universo. Partindo deste pressuposto, onde estaria o outro lugar ocupado por outro deus? Se lidarmos com a hipótese de que ocuparia o seu lugar em outro mundo, esta hipótese não se sustentaria, porque desta forma ele seria finito e teria poder finito, uma vez que não exerceria nenhum poder sobre o nosso mundo.⁴ No entanto, a finitude é contrária à natureza da divindade. Ademais, como pensar em outro mundo, sendo que todo o universo está sob a providência do Deus que o cria e conserva?⁵ Desta sorte, se não está em lugar algum do nosso mundo, porque o nosso Deus tudo preenche, e se não está em outro mundo, porque se este existe, é também preenchido pelo nosso Deus, então este outro deus não está em lugar nenhum e, *ipso facto*, não conserva coisa alguma e não é em nenhum sentido.⁶ Portanto, existe um só Deus, criador e governador do mundo.⁷ Na verdade, o argumento de Atenágoras deixa muito a desejar quanto ao rigor lógico. Ele parece

¹ A respeito da tentativa de Atenágoras para demonstrar a existência de Deus, assinala Gilson: GILSON. *Op. Cit.*: “A argumentação não é isenta de ingenuidade, mas o texto é venerável e merece ser analisado, porque contém a primeira demonstração atualmente conhecida da unicidade do Deus cristão.”

² ATENÁGORAS. **Petição em Favor dos Cristãos**. 2ª ed. Trad. Ir. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. 8: “Se, desde o princípio, tivesse havido dois ou mais deuses, certamente os dois teriam tido que estar em um só e mesmo lugar ou cada um, à parte, em seu lugar.”

³ *Idem. Op. Cit.*: “De fato, o criado é semelhante a seus modelos, mas o incriado não é semelhante a nada, pois não foi feito por ninguém, nem para ninguém.”

⁴ GILSON. *Op. Cit.* p. 19: “Que lugar ainda restará então para um ou vários outros deuses? No mundo em que estamos, seguramente nenhum. Será necessário, pois, relegar esses deuses a outros mundos; mas, como não exercerão nenhuma ação sobre o nosso, seu poder será finito; logo, não serão deuses.”

⁵ *Ibidem. Op. Cit.* p. 19: “Aliás, a hipótese é absurda: não pode haver outros mundos, pois o poder do criador envolve tudo.”

⁶ ATENÁGORAS. **Petição em Favor dos Cristãos**. 8: “E se não está em outro mundo, porque tudo é repleto pelo criador do mundo, nem em torno a outro, porque tudo é mantido por este, então, definitivamente, não existe, pois não existe lugar onde esteja.”

⁷ *Idem. Ibidem*: “Por fim, se nada faz, não tem providência, nem outro lugar onde esteja, existe, desde o princípio, um único e só: o Deus criador do mundo.”

– como diz Gilson –, não conseguir conceber Deus senão como ocupando um lugar no espaço!⁸

Passemos a considerar os argumentos conducentes à possibilidade da ressurreição.

2. *A possibilidade da ressurreição*

Atenágoras escreve ainda *Sobre a Ressurreição dos Mortos*.⁹ Ora, acerca da ressurreição, deve-se primeiro estabelecer que ela não é impossível. De fato, se Deus pôde criar, pode também recriar. De resto, Ele realmente pode querer tal coisa, pois nada há de injusto nela.¹⁰ Há ainda outra coisa a ser considerada nesta obra, é a distinção cunhada por Atenágoras entre os dois discursos possíveis acerca da verdade: um que se empenha em defendê-la e outro que discorre sobre ela.¹¹ Tal distinção norteia toda a argumentação a favor da ressurreição. Com efeito, *os raciocínios a favor da verdade* são para aqueles que não creem nela, enquanto *os raciocínios sobre a verdade* são para aqueles que estão abertos a acolhê-la e a aprofundar-se nela.¹² Mister ainda é saber distinguir a ocasião mais propícia para se adotar o gênero de raciocínio mais conveniente.¹³ Sem embargo, se pensarmos somente na ordem natural, os raciocínios sobre a verdade deveriam ter a primazia, pois possuem uma maior força demonstrativa; ao contrário, se levarmos em conta a utilidade, e a situação atual do gênero humano, deve-se defender a verdade antes mesmo de expô-la.¹⁴

⁸ GILSON. *Op. Cit.* p. 19: “A obstinação dialética da prova merecia uma base mais sólida. Atenágoras não parece capaz de pensar Deus sem relação com o espaço.”

⁹ *Idem. Op. Cit.* p. 20: “Além de sua *Súplica pelos Cristãos*, Atenágoras compôs um tratado *Sobre a Ressurreição*, que nos foi conservado e tem seu interesse para a história das relações entre a fé cristã e a filosofia.”

¹⁰ *Idem. Op. Cit.* p. 20: “Ele estabelece primeiro que a ressurreição dos corpos não é impossível. De fato, Deus pode consumá-la, pois quem pôde criar pode, evidentemente, restituir a vida ao que criou; além disso, pode querê-lo, pois não há nisso nada de injusto nem indigno dele.”

¹¹ ATENÁGORAS. *Sobre a Ressurreição dos Mortos*. 2ª ed. Trad. Ir. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995. 1: “Na minha opinião, aqueles que se preocupam com isso necessitam de duplos raciocínios: uns para defender a verdade, outros a respeito da verdade.”

¹² *Idem. Ibidem*: “Os raciocínios para defender a verdade se dirigem aos que não crêem ou duvidam; os raciocínios a respeito da verdade para os que têm sentimentos nobres e recebem com benevolência a verdade.”

¹³ *Idem. Ibidem*: “Portanto, é preciso que aqueles que desejam examinar estas questões considerem o que lhes seja útil em cada caso e, de acordo com o caso, meçam seus raciocínios e ajustem convenientemente à sua ordem, e não descuidem do conveniente e do lugar que corresponde a cada coisa (...).”

¹⁴ *Idem. Ibidem*: “Com efeito, se se olha para a força demonstrativa e para a ordem natural, os raciocínios a respeito da verdade têm a primazia sobre os raciocínios em defesa da verdade; ao contrário, se olharmos, porém, a utilidade, os raciocínios em defesa da verdade são anteriores aos raciocínios a respeito da verdade.”

Passemos à análise dos três argumentos pelos quais Atenágoras se esmera para demonstrar a necessidade da ressurreição.

3. Os três argumentos que provam a necessidade da ressurreição

Voltando à questão da ressurreição, importa dizer que, num primeiro momento, o nosso filósofo mostrou que a ressurreição é possível. Agora lhe caberá tarefa mais árdua, a saber, provar que ela de fato ocorrerá. Na verdade – segundo Atenágoras –, em toda apologia, acaba sendo necessário, antes de qualquer coisa, mostrar que a fé não é um absurdo e isto se faz refutando o erro, ou seja, “falando em favor da verdade”. Só depois, caberá ao apologista justificar, positivamente, as verdades da fé, e isto se faz expondo-as organicamente, num discurso que consista em “falar sobre a verdade”. De sorte que toda a apologia deve comportar estes dois momentos: falar a favor da verdade e falar sobre a verdade.¹⁵ Cumpre dizer que Atenágoras demonstra que a ressurreição ocorrerá, por meio de três argumentos, podemos dispensar o quarto.

O primeiro parte do pressuposto de que Deus, por ser sábio, não fez o homem em vão. Tampouco fez Deus o homem para dele se utilizar, pois o sábio não precisa de nada. De resto, não se pode dizer que Deus tenha feito o homem para utilidade de qualquer outra criatura. Sem embargo, sendo o homem um ser de razão, não poderá estar submetido a nenhuma outra criatura, seja ela maior ou menor do que ele.¹⁶ Sendo assim, fica patente que Deus fez o homem pelo próprio homem.¹⁷

¹⁵ GILSON. *Op. Cit.* p. 20: “Este primeiro momento de toda a apologia é o que Atenágoras chama de “falar em favor da verdade”; o segundo momento, que sempre deve seguir o primeiro, consiste em falar “sobre a verdade”. No presente caso, já tendo sido mostrado que a ressurreição dos corpos por Deus é possível, este segundo momento consiste em mostrar que ela efetivamente ocorrerá.”

¹⁶ ATENÁGORAS. **Sobre a Ressurreição dos Mortos**. 12: “Deus, porém, não fez o homem em vão, pois Deus é sábio, e na sabedoria não cabe obra vã; também não é para a sua própria utilidade, pois ele de nada necessita, e quem absolutamente de nada necessita, nenhuma coisa do que ele faz lhe pode servir de qualquer utilidade; mas também não o fez por motivo de qualquer obra das que ele criou, pois nenhuma das criaturas dotadas de razão e juízo, maiores ou menores, nem foi nem é feita para a utilidade de outro, mas para a própria vida e permanência dessas criaturas.”

¹⁷ *Idem. Ibidem*: “(...) é evidente que, quanto à razão primeira e mais geral, Deus fez o homem por motivo do próprio homem e pela sua bondade e sabedoria, que se contempla em toda a criação.”

Agora bem, o que foi feito para outra coisa pode deixar de ser, desde que cesse aquilo para o qual foi feito.¹⁸ Entretanto, aquilo que existe em virtude de si mesmo, não poderá deixar de ser.¹⁹ Ora, Deus fez o homem pelo próprio homem. Ademais, dotando o homem de inteligência e vontade para que pudesse conhecê-Lo, contemplar a Sua sabedoria e seguir a Sua lei e a Sua justiça, destinou-o a permanecer para sempre.²⁰ De fato, Deus não teria feito o homem, dotando-o de inteligência e da capacidade de conhecê-LO, se realmente não quisesse que ele permanecesse.²¹ Ora bem, se o homem deve permanecer para sempre, haverá ressurreição, pois se não houvesse, o homem não poderia permanecer para sempre, pois está fadado a passar pela morte. Daí que, da causa da criação do homem – contemplar ao Deus que não passa –, podemos deduzir, deveras, a sua vocação a permanecer para sempre. Porém, da sua permanência para sempre, podemos demonstrar a necessidade da sua ressurreição, visto que ele não pode escapar à morte.²²

O segundo argumento é decisivo para a *história da filosofia cristã*. Ele afirma que o homem não é a sua alma, mas um composto de corpo e alma. Ora, se o homem é destinado à eternidade, e se, por outro lado, ele não é somente a sua alma, mas um ser composto de corpo e alma, então é necessário dizer que o corpo não pode perecer, senão que deve permanecer e gozar do mesmo fim que a sua alma.²³ Logo, é necessário admitir a ressurreição, haja vista que o corpo se corrompe com a morte e a permanência somente da alma não equivaleria à permanência do homem enquanto tal.²⁴ Gilson observa – destarte –, que foi exatamente o *dogma da ressurreição* que fez com que Atenágoras o perigo do platonismo. Com efeito, o

¹⁸ *Idem. Ibidem*: “De fato, o que foi feito por motivo de outra coisa, é natural que também deixe de ser, quando cessa aquilo para o qual foi feito e não pode permanecer em vão, pois nada do que é vão tem lugar nas obras de Deus.”

¹⁹ *Idem. Ibidem*: “Mas o que foi feito em razão do próprio ser e da vida conforme a sua natureza, como a própria causa está ligada à natureza e é olhada apenas quanto ao próprio ser, jamais poderia receber uma causa que destruísse totalmente o seu ser.”

²⁰ *Idem. Ibidem*: “(...) mas para aqueles que levam em si mesmos a imagem do seu Criador, são dotados de inteligência e participam do juízo racional, a estes o Criador destinou uma permanência para sempre, a fim de que, conhecendo o seu Criador e o seu poder e sabedoria, seguindo a lei e a justiça, vivam eternamente sem trabalhar naquelas coisas com que firmaram a sua vida anterior, apesar de estarem em corpos corruptíveis e terrenos.”

²¹ *Idem. Ibidem*. 13: “Sabemos muito bem que ele jamais teria feito um animal assim, nem o teria adornado com tudo o que fosse necessário para a sua permanência, caso não fosse sua vontade que efetivamente permanecesse.”

²² *Idem. Ibidem*: “(...) a causa da criação nos garante a permanência para sempre e a permanência garante a ressurreição, pois sem ela não seria possível ao homem permanecer para sempre.”

²³ *Idem. Ibidem*. 15: “Agora, como universalmente toda a natureza consta de alma imortal e de corpo que foi adaptado a essa alma no momento da criação; como Deus não destinou tal criação, tal vida e toda a existência à alma por si só ou ao corpo separadamente, mas aos homens, compostos de alma e corpo, a fim de que pelos mesmos elementos dos quais se geram e vivem, cheguem, terminada a sua vida, a um só e comum termo (...)”.

²⁴ *Idem. Ibidem*: “A constituição dos próprios homens demonstra que a ressurreição dos corpos dos mortos e desfeitos necessariamente se seguirá; caso ela não houvesse, não seria possível que as partes se unissem naturalmente umas com as outras, nem a natureza se comporia dos mesmos homens.”

platonismo afirma ser o homem apenas a sua alma. Entretanto, numa doutrina como esta, a imortalidade da alma bastaria para afirmar a imortalidade do homem, sem necessidade de se recorrer à ressurreição, já que nela o corpo não faria parte da natureza humana. Observa Gilson com exatidão:

Esse princípio levou Atenágoras a formular, em termos de um vigor e de uma nitidez insuperáveis, uma idéia de importância fundamental para todo filósofo cristão: o homem não é sua alma, mas composto de sua alma e de seu corpo. Ponderando-se bem, essa tese acarretava desde a origem a obrigação, de que os pensadores cristãos só tomarão consciência mais tarde, de não ceder à miragem do platonismo. (...) O dogma da ressurreição dos corpos era um convite instigante a incluir o corpo na definição do homem; por mais paradoxal que essa tese possa parecer à primeira vista, parece que esse dogma de fato tenha como que justificado de antemão o triunfo final do aristotelismo sobre o platonismo no pensamento dos filósofos cristãos.²⁵

Aqueles que admitem Deus como criador do mundo, devem também admitir que Ele, por Sua sabedoria, governa todo o universo e que de Sua providência nada escapa.²⁶ Agora bem, os atos humanos devem ser atribuídos ao homem, e o homem é composto de alma e corpo.²⁷ Por conseguinte, é ao homem – alma e corpo –, que são devidos os prêmios e os castigos, conforme as suas ações forem boas ou más.²⁸ Donde nem a alma poderá receber sozinho o que fez junto com o corpo, nem o corpo receberá sozinho o que não faria senão unido à alma.²⁹ Contudo, é patente que nesta vida tal justiça não se realiza. Sem embargo, muitos ateus e dissolutos vivem sem nenhum dano e chegam ao fim desta existência sem sofrer nenhum mal. Por outro lado, existem aqueles que, embora vivendo conforme a virtude, sofrem nesta vida toda sorte de tormentos. Ora, decerto que após esta vida a justiça ocorre! Todavia, por estar a alma separada do corpo, tal justiça ainda não é deveras completa. Isto porque, separado da alma, o corpo se desfaz e não guarda a memória dos seus atos.³⁰ Importa

²⁵ GILSON. *Op. Cit.* p. 21.

²⁶ ATENÁGORAS. **Sobre a Ressurreição dos Mortos**. 18: “(...) aqueles que admitem Deus como Criador de todo este universo, devem também atribuir à sua sabedoria e justiça a guarda e providência de todo ser criado, se desejam permanecer fiéis a seus próprios princípios.”

²⁷ *Idem. Ibidem*: “Chamo de composto o homem com seu corpo e alma, e digo que esse homem é o responsável por todas as suas ações e receberá o prêmio ou castigo por elas.”

²⁸ *Idem. Ibidem*: “Ao contrário, é o homem, composto de alma e corpo, que recebe o julgamento de cada uma das obras por ele feitas (...).”

²⁹ *Idem. Ibidem*: “Ora, se um julgamento justo dará sobre o composto a sentença das obras, nem a alma sozinho receberá a recompensa do que realizou junto com o corpo, pois por si mesma ela é insensível aos pecados que possam ser cometidos pelos prazeres, alimentos ou cuidados corporais, nem o corpo sozinho, pois por si mesmo ele é incapaz de discernir a lei e a justiça.”

afirmar então, com o Apóstolo, que será preciso esperar que o nosso corpo corruptível se revista de incorruptibilidade para que finalmente receba o que lhe é devido por suas obras, sejam elas boas ou más. Destarte, para que o homem enquanto homem receba a justa retribuição por suas obras, urge que haja a ressurreição.³¹

Percebamos que Atenágoras distingue a prova racional do apelo à fé. De fato, nenhum dos argumentos arrolados recorre à fé na ressurreição de Cristo para atestar a verdade da ressurreição. De resto, como já dissemos, Atenágoras soube distinguir a refutação do erro da exposição da verdade.³²

Passemos às considerações finais do texto.

Conclusão

Atenágoras foi o autor da primeira tentativa para se provar a unicidade do Deus cristão. O argumento é ingênuo, mas por ser a primeira tentativa merece destaque. Com efeito, supondo que houvesse dois deuses, eles poderiam: ou ocupar o mesmo lugar ou lugares diversos. Ora, não poderiam ocupar o mesmo lugar, posto que não seriam semelhantes, já que só o que é criado é semelhante e os deuses são gerados, não criados. Tampouco poderiam ocupar lugares diferentes, visto que, sendo cada um infinito, se estivessem num lugar e noutro não, comportariam em si uma razão de finitude, o que a contraria a razão de infinitude que pertence à divindade. Logo, deve haver um único Deus.

³⁰ *Idem. Ibidem*: “(...) a razão, porém, não vê que isso se realize (a saber, a justiça que paga aos homens conforme as suas próprias obras), onde não se dá a cada um o que merece, pois vemos que muitos ateus e pessoas entregues a toda iniquidade e maldade, chegam ao fim de sua vida sem experimentar nenhum mal e, por outro lado, outros que levam uma vida exercitada em toda virtude vivem entre dores, injúrias, calúnias, tormentos e todo tipo de calamidades; depois da morte isso acontece, uma vez que não existe mais o composto humano, pois a alma está separada do corpo e este disperso novamente naqueles elementos de que foi composto, sem conservar mais nada do seu primeiro tamanho e forma, e muito menos a memória de suas obras.” (O parêntese é nosso).

³¹ *Idem. Ibidem*: “Portanto, permanece apenas evidentemente o que diz o Apóstolo: é preciso que este corpo corruptível e disperso se revista de incorruptibilidade, para que, vivificados pela ressurreição, seus membros mortos e novamente unidos os que se haviam separado e até totalmente dissolvido, cada um receba justamente o que realizou por meio do seu corpo, bem ou mal.”

³² GILSON. *Op. Cit.* p. 22: “Portanto, Atenágoras teve o justo senso de certos dados fundamentais do problema que o pensamento cristão tinha de resolver. Distinção dos dois momentos de toda apologética: prova da credibilidade, pela refutação dos argumentos que querem estabelecer o absurdo da fé, e justificação racional direta das verdades assim apresentadas como possíveis; distinção entre a prova racional e o apelo à fé (é por isso que o vimos justificar a ressurreição dos corpos sem apelar para a ressurreição de Cristo, que é sua garantia para todo cristão) (...).”

Acerca da ressurreição, assevera Atenágoras que ela é possível e necessária. É possível, porque um Deus capaz de criar todas as coisas do nada tem o poder de recriá-las, inclusive, ressuscitando-as. A ressurreição é, ademais, necessária e por três argumentos julga Atenágoras poder afirmar tal necessidade. Antes de tudo, em razão de o homem constituir um fim em si mesmo. De fato, Deus não poderia tê-lo feito pra nada, pois Deus nada faz em vão. Tampouco poderia tê-lo feito para a Sua própria utilidade, pois Deus de nada necessita. Decerto que não o fez para submetê-lo ao que lhe é inferior, pois isto iria de encontro à dignidade da sua racionalidade. Resta, pois, que Deus fez o homem pelo próprio homem. Ora, o que é feito em razão de outro, pode deixar de existir desde que cesse aquilo pelo qual foi feito. Entretanto, aquilo que existe por si mesmo, não pode deixar de existir. Agora bem, o homem existe por si mesmo. Logo, não pode deixar de existir. Porém, deixaria, se não houvesse ressurreição, pois o homem não pode escapar à morte.

Ademais, contrariamente ao que diz Platão, o homem não é a sua alma, mas uma unidade de corpo e alma. Logo, se o homem deve permanecer para sempre, mister é que permaneça na sua integridade de corpo e alma. Ora, com a morte, perece o corpo. Destarte, urge admitir que, para que o homem permaneça para sempre, deve haver uma ressurreição. Além disso, se é verdade que Deus criou o mundo por sua sabedoria é também verdade que Ele o governa por ela. Neste sentido, compete a Ele – como governador do mundo –, exercer a perfeita justiça. Agora bem, no que diz respeito aos atos humanos, importa destacar que eles são realizados pelo homem na sua unidade de alma e corpo. De modo que, no que toca aos atos humanos, cumprir-se-á a perfeita justiça, somente quando o homem receber, em sua integridade de alma e corpo, a justa retribuição pelo que praticou. Ora, é fato que neste mundo a perfeita justiça não é aplicada, pois o mais das vezes os maus prosperam e os bons sucumbem em seus reveses. De resto, após a morte, não pode haver também perfeita justiça, pois a alma encontra-se separada do seu corpo, cúmplice dos seus atos. Portanto, para que haja a perfeita justiça, como exige a santidade divina, mister é admitir a ressurreição do corpo e, após esta, o júízo final. Por isso, no dizer de Atenágoras, a ressurreição não só é possível como necessária.

BIBLIOGRAFIA

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ATENÁGORAS. **Petição em Favor dos Cristãos**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Sobre a Ressurreição dos Mortos**. 2ª ed. Trad. Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.